

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2017

—

COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(Classes de terminale toutes séries générales et technologiques)

Durée : 5 heures

—

L'usage de tout dictionnaire est interdit

Consignes aux candidats

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Numéroter chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL

Section/Spécialité/Série : PORTU

Epreuve : 00101

Matière : PORT

Session : 2017

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Analise no texto os elementos socio-económicos que caracterizam a família do narrador.
2. Apresente a personalidade da Mãe através da sua atitude em relação aos filhos.
3. Estude e comente a lembrança que o narrador tem em relação ao Pai.
4. Baseando-se no texto, apresente e comente o tipo de educação recebida pelo narrador.

II. ESSAI

« Mas é evidente que o que nos prendia à Mãe era muito mais do que isso, os pequenos episódios que semeiam a infância e a adolescência. » (linhas 27 e 28)

Acha que a infância desempenha um papel fundamental na formação dum indivíduo e no seu relacionamento com os outros ? Apresente a sua opinião numa composição cuidada e ilustrada com exemplos.

III. TRADUCTION

Passa para francês o trecho de « A imagem que tínhamos... » (linha 35) até ao fim do texto «... de todas as imagens. » (linha 55).

Querida Mãe! As coisas extraordinárias que nos ensinou quando éramos pequenos. É verdade que a mais insignificante informação parecia ser para ela um esforço insuportável, um suspiro profundo cavava o início da frase e a voz vinha depois, mais como uma onda que se retira do que uma vaga que se vai aproximando de nós. Mas era
5 tão disciplinadamente precisa, tão intensamente didática, irradiava uma tão estranha serenidade que aos nossos olhos era como se fosse onisciente. Essa mesma suave indolência com que sempre me apareceu, pelo menos com que me aparece hoje, gravada na memória, dava-lhe um encanto tão especial que era impossível resistir à tentação de
10 continuamente lhe fazer perguntas, não porque fosse necessário testar-lhe a capacidade de responder a tudo, e a tudo com a mesma seguríssima tranquilidade, mas porque a sua voz repercutia em nós uma espécie de reconfortante emoção, a sensação de um grande bem-estar fluía nas palavras, era como se a pura vibração do ar fosse a alma do seu discurso.

O lugar tão extraordinário, digamos, tão essencial, que a Mãe teve na nossa
15 formação, não se limita, por isso, aos cuidados tradicionais que qualquer código obsoleto empresta, por convenção ou inércia social, à maternidade.[...]

É claro que desde muito cedo nos habituámos a viver sozinhos, ou entregues aos cuidados das criadas, quando ela partia para os torneios de majongue ou de *bridge* (a Mãe era uma excelente praticante de quase todos os jogos de inteligência); é claro que,
20 durante muito tempo, quase só a víamos ao fim da tarde, quando chegávamos da escola, porque desde sempre se habituara a ficar até tarde na cama, a fumar e a ler, e, nesse tempo, não nos deixavam entrar nos quartos dos pais enquanto um e outro não estivessem arranjados; é claro que as viagens de família, com o *Packard* cheio de bagagens e de crianças, deixaram rapidamente de nos interessar, quando se tornou claro
25 que nunca mais visitaríamos outro país do que a Suíça, onde, com matemática regularidade, os pais passavam duas semanas connosco, todos os anos, pela Primavera.

Mas é evidente que o que nos prendia à Mãe era muito mais do que isso, os pequenos episódios que semeiam a infância e a adolescência. Porque a verdade é que os cuidados excessivos não contribuem em nada para melhorar a nossa vida: qualquer
30 criança minimamente saudável tem à sua frente uma história inteira cheia de perspectivas. Por mim, acredito firmemente que o que fica não é o registo quase anedótico das trivialidades com que as crianças habitualmente se preocupam, mas a duradoura gravação de valores essenciais nessa pobre matéria-prima frágil e vulnerável que somos nos primeiros anos de vida.

A imagem que tínhamos do Pai era diferente, mais distante, quase evanescente: lembro-me de o ver sentado no *maple* de couro, ali, naquele canto, inclinado sobre o seu lado direito, com a mão esquerda estendida pressionando a mola do cinzeiro de pé, a direita segurando o charuto cuja ponta introduzia cuidadosamente no orifício. Ao accionar a lâmina que cortava o charuto, a mola produzia uma espécie de ruído
40 arrastado, metálico, talvez, mas filtrado, cavo: a delicada operação desenrolava-se por dentro do cabo do cinzeiro, fora do alcance do olhar, apenas as aparas afloravam do lado contrário do orifício, e durante anos uma curiosidade algo doentia levava-me a experimentar a pressão fria da lâmina sobre o indicador direito, lentamente, ansiosamente, até que começasse a doer.

Dessas coisas é que me lembro. O Pai é, na minha memória, um emaranhado confuso e breve de gestos dispersos, fragmentos de uma personalidade, o olhar, parece-me, sempre fechado, talvez alguma vez tenha repousado a mão pesada sobre os meus ombros magros, mas tudo isso era nele o efeito passageiro do inesperado sobressalto

50 com que, de quando em quando, acordava da sua habitual indiferença à nossa educação.
Exagero, talvez: a ferida de ter deixado de o ver muito cedo, teria eu quatro ou cinco
anos, faz-me cair na injustiça fácil. Dói-me a sua ausência, é claro [...].

55 Agora mesmo o recorde, em fotografia, quero dizer, com um sorriso confiante que
poucas vezes me lembro de lhe ter visto, mas tenho que me inclinar para a frente e fazer
um esforço para distinguir-lhe os contornos do rosto, é uma imagem antiga, e equivale à
outra, a que conservei por repetição mecânica de todas as imagens.

António Mega Ferreira, *As Caixas Chinesas*, Assírio & Alvim, 1988